



**ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA**

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 16\$00 — Ano 30\$00
ESTRANGEIRO: semestre 18\$50. — Ano 36\$00.

Redação, administração e oficinas — Rua de Sevilha, 43, LISBOA

Sapataria JANUARIO

...ção de luxo em todos os generos
pelos mais belos modelos
MEIAS FINAS

78, R. de S.^{ta} Justa, 80

**Perfumaria
Balsemão**
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações
Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.^a L.^{da}**
R. Nova do Almada, 6. 2.^o
Telefone 2536 LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

TONICO YILDIZIENNE

O tesouro dos cabelos

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

Tintura Yildizienne

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

Regenerador Yildizienne

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

Schampoo Yildizienne e Skaffe

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

Brilhantina liquida Yildizienne

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

Brilhantina solida Yildizienne

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados produtos d'esta
ACADEMIA DE BELEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA



MAD^{re} MOISELLE FONTOURA XAVIER

FILHA DO SR. EMBAIXADOR DO BRAZIL, POSANDO PARA A «ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA»

(Cliché Salgado)

Uma frase de Antoine

ANTOINE é o grande nome do teatro francês moderno. Em França é impossível falar de teatros sem falar de Antoine. Era mesmo escusado dar o seu nome a um teatro de Paris. Todo o teatro francês de hoje é o Teatro Antoine... Na magnífica personalidade deste grande Actor, deste grande educador, tudo me interessa, tudo me apaixona, desde a sua bela independência á sobriedade dos seus processos. Um traço, porem, o impõe ao meu espirito, mais do que nenhum outro: o seu amor pelos novos, o seu respeito pela mocidade. Georges Delaquys, ha dias, num artigo de fundo da «Comœdia», citava uma frase de André Antoine que eu gostaria que fosse decorada por todos aqueles que, em Portugal, olham os novos com desconfiança, por todos aqueles que transformaram este país numa escura loja de antiguidades, este país que, na apoteose constante do Sol, tinha todas as razões para ter vinte anos.

Para André Antoine, os autores representados perdiam todo o interesse. A sua frase, a frase com que êle os repelia, a grande frase que me fêz escrever esta cronica, era a seguinte: *Vous ne m'interessez plus vous autres; courez votre course. Ce qui m'interesse, c'est le type vingt-cinq ans, inconnu, qui travaille dans une mansarde à quelque chose de nouveau!*...

Onde está o homem, aí, que tenha a coragem desta frase, que tenha sequer, a coragem deste pensamento? Qual o empresario português, mesmo entre os mais novos, os mais arrojados, que tenha, como sistema, a conquista do novo, que procure atrair «le type de vingt-cinq ans, inconnu»? Bem longe disso, Portugal é um país de monopolios. O teatro é mais um desses monopolios. Todos nós sentimos a pobreza do nosso teatro. Todos nós estamos de acordo que em Portugal não ha dramaturgos, apesar de Portugal ser o Guignol da Europa. Pois bem. Nada se faz para que esses dramaturgos apareçam, nada se faz para que eles desçam das suas mansardas, nada se faz pelo Teatro, fazendo-se, no entanto, o possível, pela vida...

E' que em Portugal não ha um Antoine, não ha um homem que seja um ideal, não ha um homem a quem se possa aplicar esta frase admiravel de Georges Duhamel: *Hereux le jeune auteur à qui, au debut de sa vie litteraire, il est donné de rencontrer des yeux comme ceux d'Antoine*. Enquanto esse homem não surgir, enquanto o teatro português não tiver um ditador, é escusado pensar no seu ressurgimento nos novos que triunfam—é quasi inutil confiar. Dá-se com êles o mesmo que se deu com Maurice Rostand, o escandaloso Maurice, após a representação apoteotica da sua peça, *La gloire*. Como André Lang observou com espirito, *avant la gloire* Maurice Rostand era o homem dos pijamas impertinentes, das theorias audaciosas, das práticas mais audaciosas ainda (nada para imitar...); *après la gloire*, Maurice Rostand, serenou, desfêz-se da sua coleção de pijamas reparou, pela primeira vez, na Academia... Maurice Rostand passou a ser Rostand.

Antonio Ferro

A Ilustração Portuguesa começa hoje a publicar as *Memorias de Sua Alteza o Duque do Porto*, memorias inspiradas pela sr.^a Duqueza do Porto. A *Ilustração Portuguesa* no momento de iniciar esta publicação, julga-se no dever de afirmar aos seus leitores que, de modo algum, perfilha quaisquer opiniões sobre os membros da familia do sr. D. Manuel, expendidas nessas memorias. A *Ilustração Portuguesa* publica as memorias de sua alteza o Duque do Porto a titulo de curiosidade de *magazine* e por lhe parecer que o assunto interessa uma grande parte da população de Portugal. A *Ilustração Portuguesa* toma mesmo a liberdade de ir anotando estas memorias á medida que a verdade historica fôr sendo deturpada.

NO Coliseu, alguns dias depois da proclamação da Republica. Toca-se a *Portuguesa*. Todos se levantam, com excepção duma senhora, escritora illustre, que está num camarote de primeira ordem. Ha protestos. Esboçam-se ameaças. A onda sobe. Torna-se urgente uma explicação. E' então que a senhora azul e branca (qual é coisa qual é ela, clarinha como a farinha?...) debruçada do camarote, grita para a multidão:

— Não posso levantar-me... Estou pior da perna...

A uma mesa da Brasileira. A questão da Sociedade Nacional das Belas Artes continúa na ordem do dia. José Pacheco, mordaz e sorridente, faz a critica dos corpos dirigentes da Sociedade Nacional, acusando-os, como sempre, de incorrigíveis *pompriers*.

— Não é tanto assim... Nem todos são *pompriers*... — condescende alguém.

— Ora essa! — replica José Pacheco — Elas são tão *pompriers* que até o sr. Parente, architecto, um dos membros desses corpos dirigentes, é, ao mesmo tempo, comandante dos bombeiros municipais...

FOI posto à venda o livro de versos de Antonio Alves Martins, *Anunciação*. Antonio Alves Martins é um dos poetas da geração para quem se deve reparar. No seu livro ha versos admiraveis, versos que o impõem, que lhe marcam, desde já, um primeiro logar na pleiade dos poetas novos.

AINDA a proposito da Sociedade Nacional das Belas Artes. Pelas mesas dos cafés recrutam-se socios. Alguém (este alguém é pseudonimo...) informa-se das condições para se ser socio. Vai ouvindo atentamente, mas ao saber que é preciso pagar a joia, não contem esta frase de repulsa:

— Não... Isso não, meus amigos... Eu não pago joias a essa senhora...

MEMORIAS DE SUA ALTEZA O DUQUE DO PORTO

PUBLICAÇÃO AUTORIZADA PELA SENHORA DUQUEZA DO PORTO

ÁQUELES
QUE AMARAM
SUA ALTEZA REAL,
O PRINCIPE AFONSO DE BRAGANÇA,
DUQUE DO PORTO,
SÃO DEDICADAS ESTAS MEMORIAS
COM AUTORIZAÇÃO DE
SUA ALTEZA REAL A PRINCESA DE BRAGANÇA,
DUQUEZA DO PORTO,
SUA ADORADA ESPOSA

PREFACIO

ESTAS notas esparsas sobre o Principe Herdeiro de Portugal são escritas por alguém que muito conheceu e muito amou S. A. Real o Duque do Porto e sua dedicada esposa. São publicadas com autorisação de S. A. Real a Duqueza do Porto, que consentiu em ler as provas, antes de serem impressas, mas as responsabilidades dos defeitos e erros que possa haver no livro pertencem exclusivamente ao autor. E ninguém tem mais consciencia desses erros e defeitos do que ele, pois este livro foi escrito mais com o coração do que com o cerebro. O autor tem a certeza de que aqueles que amaram D. Afonso não de comprehender e perdoar, e, para elles, foi este livro especialmente escrito; contudo, espera que também os que só de nome conheceram o Duque, se interessarão em saber a vida intima e privada deste, o mais excelente dos Príncipes.— O ultimo Principe Herdeiro de Portugal.

As informações sobre a ultima doença de D. Afonso e sua morte foram dadas pelas enfermeiras e pela propria duqueza, pois nenhum outro membro da familia real estava presente nesse momento.

Algumas outras reminiscencias e anedotas foram contadas por amigos. A todos o autor expressa aqui os seus mais sentidos agradecimentos; especialmente ao sr. Rocha Martins, o historiador português, se agradece a sua delicada autorisação, para usar muitas das anedotas que aparecem neste livro.

CAPITULO I

MÃE E FILHO

O Real Palacio da Ajuda é em Lisboa, capital de Portugal. Está numa iminencia, dominando o largo e magestoso rio Tejo. Foi ali, que, ás tres horas da tarde, aos 31 de Julho de 1865, nasceu o Principe D. Afonso Henriques de Bragança, Duque do Porto, filho segundo da Rainha D. Maria Pia e de El-Rei D. Luis de Portugal.

O quarto em que D. Afonso Henriques nasceu era de rara sumptuosidade, mesmo num palacio que era rico, como nenhum outro, em tesouros.

Póde ainda ser visto, porque o palacio da Ajuda está exactamente como ha cincoenta e tres anos, embora alguns dos seus tesouros só sejam mostrados com licença especial.

As paredes são forradas de brocado azul escuro com flores prateadas. A mobilia de Buhl é duma beleza unica, sendo cada modelo um especimen escolhido. Os tapetes persas do seculo XVI de um valor inestimavel, o leito de docel ricamente esculpido. A cabeceira tem a forma da corôa real, com as armas de Bragança e Saboia e os ricos cortinados caem de uma outra corôa.

Ao tempo do nascimento de D. Afonso, seu irmão mais velho tinha pouco mais de um ano. A Rainha Senhora D. Maria Pia, mãe de duas lindas crianças, de cabelos anelados, também não



D. Afonso Henriques, general do exercito português

passava ela mesma, de uma criança, pois apenas tinha dezasseis anos, tendo casado aos quatorze, com o joven Rei D. Luis, Principe de Bragança e Duque do Porto, que succedeu no trono aos vinte e tres anos a seu irmão D. Pedro.

O titulo de Duque do Porto é dado ao filho segundo da familia real portugueza, mas até ao casamento de D. Afonso Henriques, em 1917, nunca tinha havido uma Duqueza do Porto.

As honrarias accumulavam-se sobre a cabeça do pequenino Duque. Foi uma criança tão linda, tão docil, tão sorridente, desde o primeiro momento, que a Rainha Isabel, de Espanha, lhe pôs em volta do pescoço uma ordem celebre, quando ele apenas tinha tres dias. Foi sua madrinha de baptismo. Napoleão III o padrinho. A Imperatriz Eugenia assistiu igualmente á cerimonia.

A joven Rainha achou tão lindo o seu segundo filho que, quando ele contava apenas uns meses, encomendou, a um escultor italiano de grande fama, uma estatua do infante reclinado numa concha de puro marmore de Carrara. Este trabalho pôde ainda hoje ser visto no seu pedestal, num dos salões do palacio da Ajuda e é notavel a parecença da criancinha com D. Afonso, depois de homem.

No seu baptismo, o pequeno Duque recebeu os nomes de Afonso — Henriques — Napoleão — Maria — Luis — Pedro de Alcantara — Carlos — Humberto — Amadeu — Fernando — Antonio — Miguel — Rafael — Gabriel — Gonzaga — Xavier — Francisco de Assis — João — Augusto — Julio — Wolfando — Inacio, Duque do Porto.

Mas nunca poude decorar estes numerosos nomes, porque não o tentava este futil trabalho mental, embora possuísse a celebre memoria dos Braganças.

Chamavam-lhe familiarmente «Funço». A Rainha D. Maria Pia, tão criança como eles, costumava brincar com os filhos D. Carlos e D. Afonso, os unicos que teve. Sempre vestida elegante e ricamente, mesmo com estravagancia, sentava-se nos tapetes, espalhando as suas saias bordadas a ouro, para as crianças brincarem em cima. Conforme iam crescendo, D. Afonso tornava-se indubitavelmente o favorito, talvez pela inefavel doçura da sua natureza, pela sua adoravel energia e encantador sorriso ou então por ser o mais pequenino.

Os aposentos da Rainha, na Ajuda, que se encontram exactamente como ela os deixou ha dez anos, na sua partida para o exilio, provam essa afeição.

Estão cheios de recordações de D. Afonso, com

quem viveu só, por muitos anos, depois da morte de El-Rei D. Luis, seu marido, que morreu com cincoenta e um anos e da subida ao trono do seu filho D. Carlos.

E' comovedor ver ainda pregado aos cortinados do seu leito, o retrato de D. Afonso aos dezasseis anos.

Na Ajuda fica-se inevitavelmente impressionado, com a quantidade de retratos do infante, tirados especialmente nos primeiros anos da sua mocidade. O rapazinho de colarinho branco, que reproduzimos,

encontra-se na secretaria particular da Rainha D. Maria Pia e em muitos dos outros quartos, em lindas molduras. E' reproduzido de um grande quadro, collocado na galeria particular da Ajuda. Não é uma obra de arte de valor, mas tem grande beleza.

O delgado, louro e adoravel Duque, idolatrado por sua mãe, era o filho segundo do Rei e da Rainha de um pais pobre, com uma lista civil muito pequena e tinha apenas de dotação doze mil réis.

Estava destinado pois a uma vida sem descendentes e a não casar, porque não havia princezas bastante pobres que quizessem partilhar a posição modesta do infante, nem bastante desinteressadas para renunciarem a maiores honras, contentando-se com os seus encantos pessoais.

Não estando destinado para uma carreira politica, evitava os negocios de Estado, seguindo sempre as suas inclinações.

Tinha o tipo dos Braganças, louro e de olhos azues, de um azul escuro de safira ou do Mediterraneo num dia de nevoeiro, quando as suas aguas tomam uma intensidade sombria de cor. O cabelo era dourado, espesso e fino, e cobria-lhe a cabeça um mar de caracois.

Depois da sua morte, a sua Princesa cortou-lhe alguns desses espessos e humidos caracois que ainda não se tinham feito brancos mas já estavam menos loiros e que ainda hoje guarda carinhosamente.

Mesmo em criança, tinha uma expressão séria, uma expressão que parecia dizer «Quero conhecer tudo quanto ha a saber». Era meigo e affectuoso, raras vezes falava asperamente e nas suas palavras infantis com D. Carlos, nunca se gabava das vitorias nem se queixava dos revezes.

A sua filosofia serena desenvolveu-se muito cedo, porque era uma criança extremamente inteligente.

Não gostava muito de ler nem tinha os gostos artisticos do futuro rei, preferia os jogos de força e destreza, exercicios arriscados e perigosos, nada lhe



A Senhora Duqueza do Porto

agradava tanto como dar exemplo das suas proezas aos companheiros que escolhia.

Mesmo quando muito pequeno, fugia ás aias e creados, correndo á solta na Tapada Real.

Uma ocasião, querendo saltar um riacho, perdeu o equilibrio e caiu na agua, enquanto todos em volta d'ele gritavam, ria como se fosse um caso muito engraçado.

A rainha D. Maria Pia amava muito os seus dois filhos, mas era bastante serena com eles, não poupava os castigos apesar de não consentir excessos.

A filha do rei Emanuel de Italia sabia ser rigorosa, mas tambem sabia acarinhá-los. Interessava-se intensamente pelo bem estar dos seus filhos, como se tivesse o coração de uma mulher do povo.

Esta rainha tão cheia, em geral, de dignidade e etiquetas, punha de parte todas as formalidades quando estava com os filhos, tornando-se a mais simples das mulheres.

Tinha um olhar de censura, que dirigia ao Príncipe Real e ao Infante e que os fez crescer num inalteravel respeito por essa elegante e magestosa mãe, que ás vezes parava o seu canto suave e melodioso, para os repreender quando a conduta assim deles o pedia.

Esta rainha amava o seu segundo filho acima de tudo e D. Afonso retribuía plenamente a adoração de sua mãe, não permitindo que coisa alguma prejudicasse a sua dedicação. Foi só depois da morte dela que casou com a mulher que tanto amava. Entre as joias deixadas pela rainha D. Maria Pia, que não foram confiscadas pelo novo regimen, havia um broche com sete coraçõesinhos cõr de rosa, ligados uns aos outros por pequeninas cadeias num travessão de ouro, presente trazido pelo principezinho Afonso, dum feira onde fora com o preceptor. Era uma dadiva que qualquer criança poderia dar á mãe que amava.

Talvez fossem essas pequenas provas de afeição que o tornassem mais querido á rainha do que ao outro filho.



Os dois principes, D. Carlos e D. Afonso, com sua mãe a Rainha D. Maria Pia



D. Afonso aos 8 dias, nos braços de sua ama

No funeral do rei D. Luiz, seu pae, todas as vezes que a tragica procição parava, no caminho de Cascaes para o Panteon real em Lisboa, o infante aproximava-se da portinhola da carruagem da sua mãe e perguntava-lhe:

— Mãesinha, como te sentes?

Os seus cuidados e respeito por ela eram delicadissimos, como os que mais tarde prodigalisou a sua mulher.

CAPITULO II

AMOR DE IRMÃO

D EPOIS de sua mãe a paixão de D. Afonso, Duque do Porto, era seu irmão D. Carlos. Entre eles existia uma extraordinaria simpatia como a que costuma haver entre gêmeos: A afeição que os ligava era rialmente invulgar e depois de crescerem nunca se ouviu dizer que houvesse a mais pequena divergencia entre eles.

Conta-se que tendo D. Carlos saído de Portugal e ficando o Duque do Porto como regente, este assinou um decreto que foi criticado pela opposição. Quando El-Rei D. Carlos voltou foi avisado do caso pelos queixosos mesmo antes da sua chegada a Lisboa. A resposta foi caracteristica. Disse: «Podem estar certos que se meu irmão diz que está bem é porque está».

E verificou-se depois que ele tinha razão.

O mesmo aconteceu mais tarde quando o Duque do Porto foi Vice-Rei da India Portuguesa.

Tratava-se da conduta indigena e da espionagem dum tal sr. X., a quem ambos os irmãos detestavam cordealmente por causa da perniciosa influencia que exercia sobre o espirito da Rainha D. Maria Pia.

(Continúa)

A ENTREVISTA DA SEMANA

MADEMOISELLE FONTOURA XAVIER

Conheci «mademoiselle» Fontoura Xavier no salão de Branca de Gonta. Foi numa noite em que Armando Rodrigues, recém-chegado do Brasil, cantou ao piano, com a sua encantadora arte e o seu «charme» pessoal, «mó-dinhas» do Brasil e tango s plangentes — tango s de sensualidade triste, de morno lirismo pagão, de nostálgicas e amorosas tristezas «di Caboclo»...

A um canto da sala das Janelas Verdes, um grupo de «organdis» claros, «mademoiselle» Fontoura Xavier e as filhas de Branca de Gonta, eram na sua perturbante mocidade e na frescura das suas atitudes como certas figuras educadas no «Sacré-cœur» e que aparecem cheias duma distinção grave e nobre em algumas telas cinzentas de Lasló.

Aí, senti-a um pouco na intimidade, quando, ao éco de saudades que a voz de Armando Rodrigues despertava e ao ritmo



«Mademoiselle» Fontoura Xavier, lendo um autor favorito

que dá a toda a gente de embaixadas a fisionomia corretamente convencional e sinceramente fatigada das pessoas que profissionalisaram a cortezia e que vivem essencialmente da etiqueta.

Conheci ha tempos a Embaixada do Brasil.

Nos palacios das legações todos os objectos são um pouco diplomatas. Não ha salas intimas. Os diplomatas não podem ter intimidade. Não são pessoas — são paizes. As-

vivo e alacre das «jazz-bands», o seu resto de creoula se afogueou um pouco e os seus olhos brilharam mais.

Depois conhecia nas festas hieraticas da diplomacia, quando as representações officiais exigem a presença das senhoras...

Dir-se-ia então, nesses momentos que nas veias finas e azues de «mademoiselle» Fontoura Xavier, imperceptivelmente, se infiltrara esse glacial sangue

sim como um bom embaixador faz um grande país, não ha p izes que resistam a maus representantes. A legação de Espanha é um pedaço da propria Espanha, com sardinheiras vermelhas, patios sevilhanos e quadros de Ribera. Na embaixada do Brasil respira-se Rio de Janeiro desde a entrada da porta...

*

Esta entrevista bate, involuntariamente, o «record» do imprevisto — tanto que se poderia chamar uma «entre ouvida»... por que foi ao telefone!

Foi o caso que recebi a indicação para entrevistar «mademoiselle» Fontoura Xavier, com pouco tempo de avanço. Apesar de termos multiplos amigos comuns que poderiam ter preparado com toda a solenidade essa visita, eu preferi, para apanhar um pouco mais de flagrante, pedir telefonicamente o «rendez-vous». Telefonei, telefonamos, telefonaram... Da Embaixada ninguem respondia. Foi um martirio. Por fim, esta manhã, quando perdia já de todo a esperança, consegui comunicação com o palacio.

— É' da legação do Brasil?

— Sim, diga...

— Daqui, da «Ilustração Portuguesa»...

«Mademoiselle» Fontoura Xavier está?

— «Mademoiselle»? Mas não deseja falar com o sr. Embaixador?

— Não, não... Com «mademoiselle», se fosse possível.

— Queira esperar...

Uns saltinhos vivos no «parquet» do salão, uma voz fresca, timbrada, uma voz de veludo — de veludo negro e longinquo, uma voz musical sem sustenidos nem bemois, e a sorrir, a sorrir desde logo.

— Está lá...

— «Mademoiselle» Fontoura Xavier?

— Sim...

eu.

— Diga-me, minha senhora. Pode receber um enviado da «Ilustração Portuguesa» para pôr duas palavras que acompanhem as fotografias que lhe dedicamos no proximo numero?

— Uma entrevista...

— Se quiser chamar-lhe... Apenas alguma impressões sobre a nossa vida... sobre a sua vida...

— Uma entrevista...

— Uma entrevista...

— Espere um momento...

Vou falar a papai... Sim?

— A's suas

ordens, minha senhora...

Passam momentos, adivinho o abrir duma porta, um «posso entrar, senhor» e o som de vozes, abafadas, cobertas, num reposteiro pesado.

Os saltinhos voltam a estalar, voltam a brincar sobre o «parquet» brilhante e encerrado. Ha uma hesitação...

A voz de «mademoiselle» Fontoura Xavier volta ao telefone:



«Mademoiselle» Fontoura Xavier, no escritorio da embaixada

— Está?
— Sim, minha senhora...
— Diga-me, não acha melhor virem só as fotografias?
— Acho melhor virem acompanhadas das suas impressões...
— Mas de quais impressões... eu não tenho impressões...
— Das suas impressões da vida...
— Que sei eu da vida?!
— Tem assim tanto horror às entrevistas?

— Não tenho horror, mas que hei-de eu dizer... Não, antes só as fotografias...

— Acha que elas só por si falam mais a seu respeito do que tudo que pudessem dizer?

— Sim... só as fotografias.

— Maseuqueria impressões do seu temperamento...

— As fotografias...

— Alguma coisa que falasse muito de si, que mostrasse a sua encantadora personalidade...

— As fotografias...

— Mas finalmente, não quer dizer nada, não quer revelar coisa alguma?...

— Mas, meu Deus! Então as fotografias...

Realmente, «mademoiselle» Fontoura Xavier tinha razão.

As suas fotografias falam por si. Ha mulheres que teem em si mesmas tanto encanto que o raciocinio e os acessorios da inteligencia são meramente secundarios. Duas frases de espirito não aumentavam a belesa de «mademoiselle» Fontoura Xavier

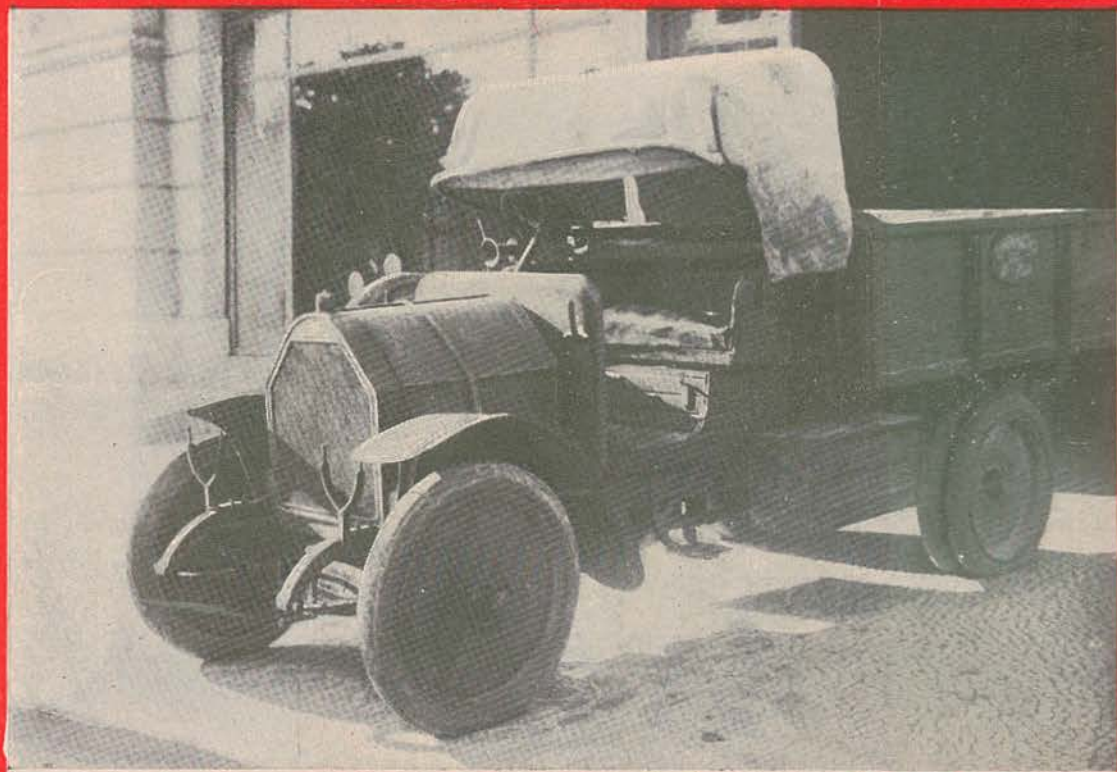
— senhora, e quem sabe se ingenuas e sinceras poderiam comprometer «mademoiselle» Fontoura Xavier — diplomata.

Que a gentilissima senhora me perdõe o arrojo de a ter entrevistado «malgré elle». «Mademoiselle» Fontoura Xavier, filha dum grande poeta e diplomata, enviada especial de toda a graça do Brasil, não pode evitar a nossa admiração, não pode evitar a homenagem que a «Ilustração Portuguesa» desejou prestar-lhe. A sua reserva era quasi justa, a sua defesa quasi admissivel. E' que esse glacial sangue que dá á gente

das embaixadas a fisionomia corretamente convencional e sinceramente fatigada, corria imperceptivel nas suas veias azuis e finas...



«Mademoiselle» Fontoura Xavier, à porta da Embaixada do Brasil



A camionette-fantasma!

A camionette-fantasma! Foi o nome rocambolesco, filmesco, com que o povo, os jornais, atônitos ante o mais rocambolesco, filmesco capítulo das nossas revoluções, baptisaram o estranho veículo de tragedias, em que se tornou uma simples *camionette* da Administração Militar.

Pregunta-se, pergunta o povo, ainda horrorizado, pergunta a Justiça, já burocratizada, quem foram os autores da criminosa vindima de 19 de outubro.

Não se sabe. Todos os apontam, roçam por nós, mas tão envolvidos em sangue que só se lhes distingue o vulto, não se lhes reconhecem as feições.

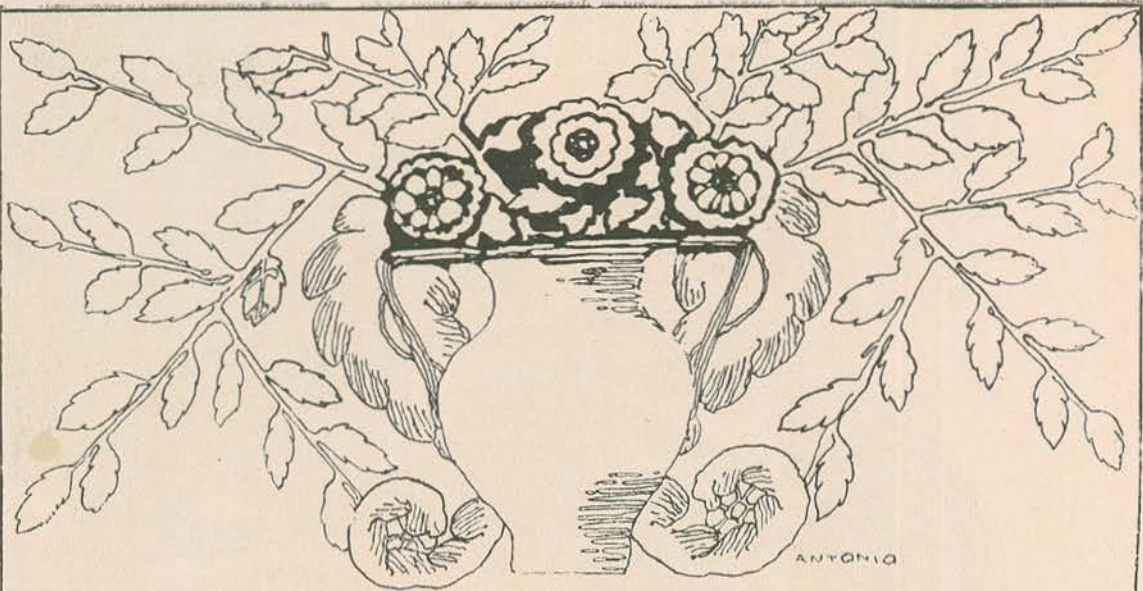
Não se sabe, não se vê... Ha uma *camionette* envolta, pingando sangue.

Criminoso? Apurado, definitivamente assente, está ali — é a *camionette*. E' provavel que ela expie a vindima de Morte de 19 de outubro.

Em Portugal não ha pena de morte. A *camionette* não poderá ser decapitada...

Mas a criminosa é ela, não tenham duvidas. Individualmente nenhum dos criminosos teria a coragem da sua cobardia. Quem sabe se, cada um deles, isolado, já repudiou o crime que cometeu. Foi necessario o ambiente negro da *camionette*, o *estupido* do motor, a vertigem de velocidade, a loucura... Foi a *camionette*, não tenham duvidas. Foi ela que cometeu os crimes, numa faina sinistra, mondadeira de vidas, maquina infernal, Moloch de gasolina.

Se ninguem mais aparecer como empreiteiro das tragedias, se sobre mais ninguem puder recair a colera ensanguentada do povo, do futuro, da Historia—que fique a *camionette*, no seu frete de cadaveres, no seu atropelamento de homens e de consciencias, nas suas *pannes* tragicas de vidas...



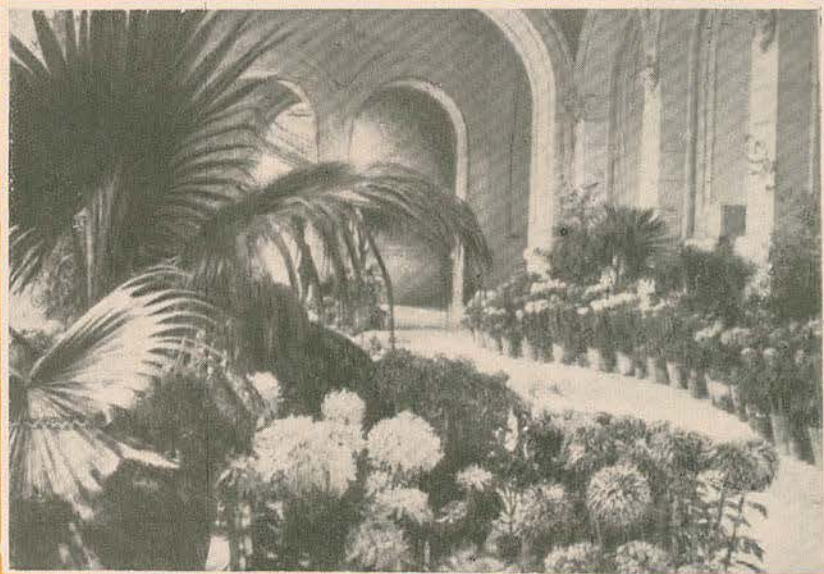
A QUE HA DE VIR

NÃO; não és tu ainda a Princesinha Ideal,
A que ha de ser noivada em linho do meu leito:
Nada agora me sabe a hora triunfal,
Nem o meu coração se acelerou no peito.

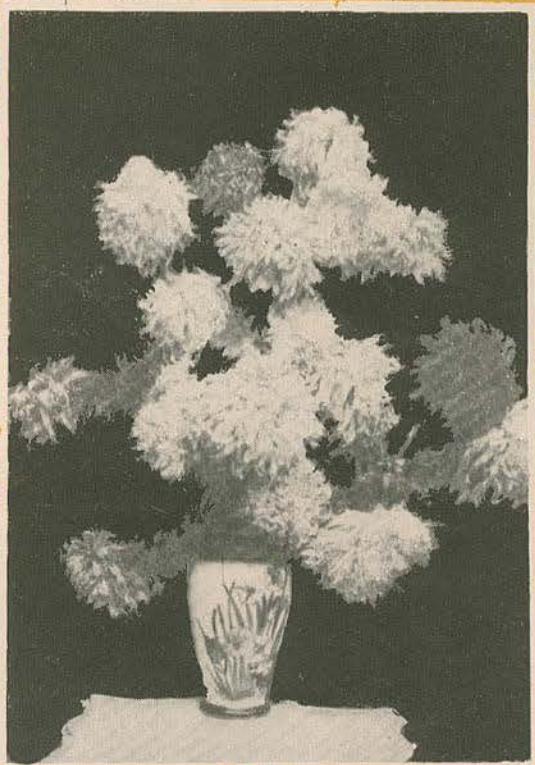
Daria um alto vôo o teu amor banal?
E acaso, ao ver-me, o teu olhar fulgiu no geito
Festivo, quente, doce, alado, musical,
De Eleita que enxergou, alfim, o seu Eleito?

Sei bem que não... A que eu procuro, a Rara, a Linda,
Nada de semelhante á tua alma tem.
E essa que ha de alegrar o meu sorriso triste,

Vem no caminho, — diz-mo o sonho, mas, ainda
Tanto ela se demora e tão distante vem,
Que ás vezes chego até a crer que não existe!



**EXPOSIÇÃO DE
CRISANTEMOS
NO
PARLAMEN-
TO**





CHIADO

AS 5 HORAS



Edgard Degas — A dançarina no bico do pé

A DANÇA NA ARTE DE GAS

ENTRE as mais belas coisas da arte moderna, tem lugar de honra o mundo dançarino assinado por Degas: vasta série de desenhos, quadros e até estatuetas, onde a bailarina deixou de ser boneca para ser mulher, trocando a bonitesa convencional pela verdade.

Foi Degas o primeiro a ver a beleza verdadeira da dançarina, a olhá-la como o que ela é estruturalmente, como um ser de esforço e aplicação, conquistando a força de longos exercícios fatigantes o poder de ser leve e ser deslumbrante.

Havia a lenda da mulher-ave. A bailarina era, para os sentimentais de então, uma criatura privilegiada, a quem, no berço, as fadas contemplavam com todos os encantos e mais um par de asas espontaneas. Bastava ser dançarina para ser bela. A fama esturdia das suas irresistíveis aventuras fazia esquecer que a dança, antes de ser arte jocunda, é um trabalho arduo, seguido, violento.

Revelar as dançarinas no trabalho, mostrar-lhes a intimidade laboriosa, fazer ver a mulher, por vezes feia e deformada,



Edgard Degas — Bailarinas cor de rosas

através do prestígio scénico da bailarina, foi o segredo, foi o achado, foi a glória de Degas: espécie de quixotesco ironista de Opera parisiense.

Dos corpos ligeiros, dessa coisa graciosa, que é a dançarina, fez ele um campo amargo de desilusões, procurando salientar, com o encanto forte da sua cor, a continuidade, o sofrimento, as misérias, que há no fadário bailante.

A sua obra, admirável, é um *Memento saltatrix*... Diminuído a menos dantescas proporções, o *Inferno* poemal do bailado. Quasi a condenação, não sei se piedosa, se fulminatória, dos tormentos desarticuladores, das retorcidas manobras, a que a dança de teatro sujeita as suas vestais suarentas.

Para ele, de olhos implacáveis, a bailarina de sonho é uma lenda. A clássica sílfide, volitando no palco, não passa duma criatura muitas vezes defeituosa, marcada por vícios de classe e profissionais deformações.

Pintou bailarinas, muitas bailarinas, como poderia ter pintado galgos de raça ou rãs esperneantes. Sem outra simpatia, que não fosse a do

seu entusiasmo pelas vicissitudes imprevisas da forma em movimento e pelas surpresas cambiantes do colorido.

No entanto, porque elas representavam algo muito novo na pintura, muito belo como arte avançada, as dançarinas degasianas marcaram época, levantaram celeuma, abrindo para a modernidade um intenso período de gesticulação luminosa.

Com a brancura esplendida dos seus saiaes, com os seus gestos audaciosos, com a riqueza dos seus tons, as dançarinas de Degas foram as portadoras, as cariátides, dum novissimo credo pictural, que, hoje no Louvre, já proclama os direitos do seu formulador, o grande classico de amanhã.

Degas, Edgard Degas, vem do realismo, e, sem o perfilhar, não foge de todo ao impressionismo. E' o Zola da dança, um Zola, mais artista, com certas tonalidades maravilhosas, que o aburguesado romancista nunca manejou.

As bailarinas de Degas são realistas. Não as apoteosa, nem aformoseia. Observa-as sem as aplaudir. Decompõe-as, escalpeliza-as a frio, não raro com pessimismo e tédio.

Sob o carmin que as retoca e as sumarias roupas que as realçam, sente-se o bolor das malhas, o ordinario da pele, fome, suor, privações.

O pintor era um filósofo, e como filósofo, notoriamente azedo e insatisfeito. Dispondo-se a sondar o misterio fascinador que os românticos atribuíam, como causadores de amores infelizes, á sereia de gaze, ás perigosas flores da pirueta, trouxe de lá o seu desanimador, mas soberbo e cativante museu de imperfeições.

Degas foi como que o esconjurador do sortilégio diabólico das dançarinas. O seu pincel é, para elas, um hissope exorcismante. A sua arte vigorosa pôs a nu os bastidores dolorosos da coreografia.

Na dança artificiosa do seu tempo, pesquisou a verdade. Quis ver quanto havia de humanamente lastimoso no brilho efêmero das noites de espetáculo.

A dançarina nada tem para ele de divino. E' um assunto que o interessa, mas não o comove. Certos seus modelos possuem o ar gasto e ofegante de cavalos cansados. Não parecem criaturas votadas á arte de agradar movendo-se. São escravas sacrificadas a um mister penoso como o dos míseros saltimbancos de novela. Ha pouca idealidade em Degas, salvo o seu idealismo colorista. Só a exactidão o norteia e orienta. Da belesa pela belesa não cura, se bem a ela chegou muitas vezes; sempre que é, casualmente, bela a verdade a retratar. Isolado, rabujento, original, misógino, Degas é um

impassível, empenhado em acentuar disformidades e deselegancias. Velasquez, cujos bôbos foram dançarinas, compraz-se em denunciar, com esplendida mestria, o interior dos viveiros borboleteantes da ribalta.

Degas vê, sobretudo, na dançarina, não a artista, mas o animal. Preocupam-no de preferencia com instrumentos, como maquinismos.

Creio bem que a dança o não interessava grandemente. Não era por dançar, nem dançando, que a bailarina lhe despertava mais atenção; sim como maquina, como aparelho de dança, á laia de qualquer outro ser movediço ou objecto elástico, independentemente da qualidade e eficacia do movimento produzido. A vida em movimento, eis o seu fito!

A maioria das suas dançarinas não nos aparece dançando. Exercitam-se, preparam-se, repousam,

arranjam-se, espreguçam-se, ensaiam. Gostava de as surpreender nos momentos que com a dança se relacionavam menos.

Há nele, de frequente, notas caricaturais, raiantes no humorismo. Mesmo quando é belo o conjunto obtido, trata de o desamenisar com pormenores naturalistas. O seu quadro da *Classe de dança*, exposto em 1874, não o satisfaz por completo até que lhe acrescenta, muito tempo depois, a gorda dançarina, escarranchada no piano, a coçar a espadua direita com a mão esquerda: o que apimentta a linda scena, onde o velho Plucque, de mãos cruzadas sôbre o bastão, regula os passos duma primeira bailarina.

Outra das suas mais divulgadas e repetidas figuras é a da *Dançarina a atar a sapatilha* com desleixados modos--atitude das mais correntes e prosaicas entre a casta bailatória.

O seu pastel *Antes do bailado*, que tanto irritou os criticos, é uma combinação logográfica de vinte e

quatro pernas de bailarinas, das quais só três mostram a cabeça, como se o pintor se tivesse instalado, ao pintá-las, no buraco do ponto.

Acusavam Degas de só pintar dançarinas feias, do chamado tipo *grenouille*. Não ha duvida que não procurava as mais bonitas, nem as mais afamadas. Nenhuma das bailarinas de Degas tem nome, a não serem as irmãs Mante, crianças ainda, que retratou num quadrinho delicioso.

A estrêla, que representou no conhecido pastel do Luxemburgo, não o seduzia tanto como as anônimas recrutadas de Terpsicore. Degas não é um pintor de bailarinas célebres. E' o pintor do corpo de baile, a cujo simbolo imprescindível, o regador, com que se humedece a poeira do tablado, deu em muitos dos seus quadros toda a evidencia.



Edgard Degas—A Estrela

Como amostra da inclemência com que Degas parecia querer desacreditar os encantos das bailarinas, é olhar o pastel intitulado *Lição de dança*. Quanto ao arranjo, originalidade e expressão, uma coisa preciosa. Mas que falta de garbo nessa raquitica magriçela degenerada, cujo focinho se diria escolhido para justificar o designativo de *ratinho*, dado às aprendizas da Opera!

A *Dançarina verde* é outro exemplar de miséria física e deslavado sorriso, com qualquer coisa de nipónicamente sarcástico no acentuado das suas desproporções.

Extraordinária de verdade pessimista é a estatueta em cêra da *Dançarina de quatorze anos*, exposta em 1881. Para a comentar, todo um artigo não será demais. Por causa dela, e aludindo a Baudelaire, Paul Mantz prometia a Degas um lugar na *historia das artes cruéis*.

Degas é, por enquanto, um pintor mal estudado.

O seu feitio arisco e rebelde não dava margem aos comentadores. Falta explicar melhor a paixão que o levou a nunca largar inteiramente de mãos a tribu dançante.

Apesar de lhe amesquinhar, de lhe regatear, a graça, a dançarina agitava-se-lhe de continuo no espirito. Chegou a dedicar-lhe versos:

DANSEUSE

*Danse, gamin ailé, sur les gazons de bois
N'aime rien que cela, danseuse pour la vie,
Ton bras mince placé dans le ligne suivie
E'quilibre, balance et ton vol et ton poids.*

*Taglioni venez, princesse d'Arcadie,
Nymphes, grâces, venez des cimes d'autrefois
Ennobler et former souriant de mon choix,
Le petit être neuf, à la mine hardie.*

*Si Montmartre a donné l'esprit et les aïeux,
Roxelane le nez et la Chine les yeux,
Attentif, Ariet, donne à cette recrue*

*Ses pas légers de jour, ses pas légers de nuit;
Fais que pour mon plaisir elle sente son fruit
Et garde au palais d'or la race de sa rue*

Melhor ainda do que a sua obra, este raro soneto de pintor nos esclarece sobre a complexa psicologia do artista. Talvez albergasse em si um sonho de tal beleza para a dançarina, que a realidade, desmentindo-o, o levava a sobrecarregar-lhe, desolado, cáustico, as imperfeições.

No soneto de Degas há ternura e ironia, carícia e unhas, doçura e travo. Tal qual há de tudo isso na sua pintura incomparável.

Notei algumas das suas obras mais amargas. Resta apontar, em contraste, os trabalhos de outro carácter; aqueles em que a dançarina enlevou o desdenhoso pintor pela beleza: o *Foyer da dança*, uma das mais célebres e as *Dançarinas na barra*, revendidas por um preço exorbitante.

São das mais belas celebrações que a dança tem inspirado as *Dançarinas cor de rosa*, milagre de frescura e ritmo, onde as cabeleiras ruivas escorrem em chama líquida.

É muito belo o pastel *Danseuse sur une pointe*, também chamado *L'Etoile* maravilhosa de gaze espu-macenta e seda estriada, em susto, sobre as pernas mais flagrantes, mais vivas, mais volátilmente bailarinas, da pintura moderna.

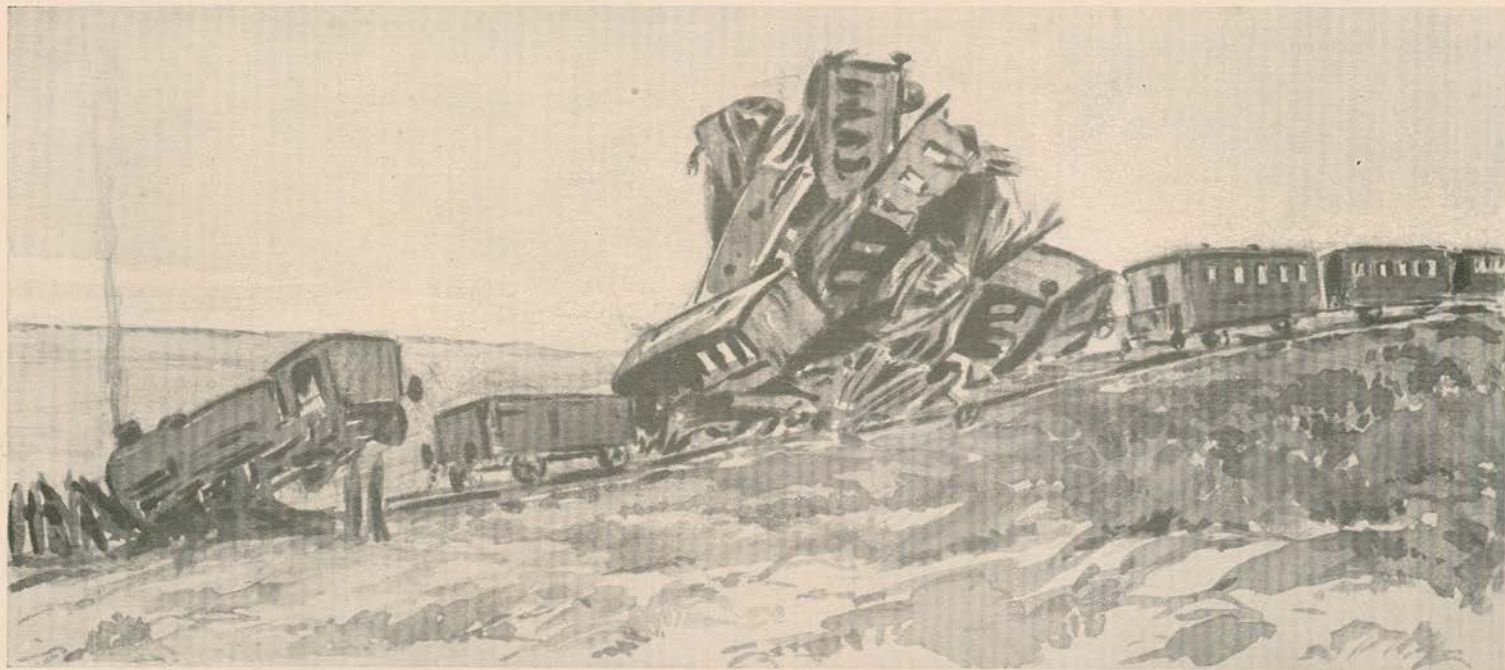
Outras ainda...

MANUEL DE SOUSA PINTO



Edgar Degas. A lição de dança

O ACONTECIMENTO DA SEMANA



Reconstituição do revoltante atentado do dia 9, que veio cobrir de luto imensas famílias e encher de indignação o país inteiro. O desastre deu-se entre Aljustrel e Figueirinha, quando o comboio seguia com uma velocidade de 60 quilómetros à hora, originando os trágicos sucessos que são do domínio de todos

Desenho de ROCHA VIEIRA

MAS a Lisboa mais oculta, mais desconhecida—é a que toda a gente vê. Paradoxo? Pela certa. Mas o que ha de mais paradoxal do que Lisboa?

Não é Lisboa quem quer, nem, muito menos, quem nasceu em Lisboa.

E'—se Lisboa pelo amor á cidade, — um amor de pormenores, de minucias, como todos os amôres.

Uma mulher nunca é linda pela *aisance* do seu corpo, pela composição do seu rosto. Uma mulher é linda, para quem gosta dela, pelo que passa despercebido aos outros. Não ha nunca um amor. Ha

cem amôres num amor. O amor aos olhos, o amor aos cantos da boca, o amor á curva do queixo, o amor a um *tic* de sobranceira, o amor a um gesto, a um sorriso, a uma *grimace*. E' a soma de todos estes amôres que faz o Amor, maior ou menor. A's vezes ha odio a outras feições—ha batalhas de tedios e desejos no corpo da mulher amada. Vence o maior numero ou o encanto maior.

Ha nada mais pernicioso do que uma cidade e ha cidade mais feminina do que Lisboa?

Cada bairro é uma mulher. Os homens não têm bairros, espalham-se pela cidade toda, trabalham num, vivem noutro, passeiam noutro. O homem é característico e neutro como um carro electrico.

Lisboa é uma cidade feminina e se alguém a ama, e se nós a amamos não é precisamente pela *aisance* das suas avenidas nem pela composição das suas praças.



O Largo das Duas Igrejas

A DESCOBERTA DE LISBOA

No Ano de 1921

IV—O LARGO DAS DUAS EGREJAS

galegos. A ilha dos «galegos» quasi não tem «galegos». São quasi todos portugueses. Galego é hoje uma especie de nome de baptismo de todos os moços de fretes. A maior parte dos carrêgos destes moços de esquina sem esquina, são leves, levissimos. São cartas, a pedir dinheiro umas, e a pedir amor, outras...

Não passa lá ninguem e passa lá toda a gente. O Largo das Duas Igrejas é uma antecamara, uma sala de espera, melhor, um entroncamento. Tem a fisionomia nervosa e melancolica das *gares*. Todos passam, todos vão, todos o deixam... Mas no dia seguinte, no mesmo sitio, passam as mesmas pessoas, vão para o mesmo lado, deixam--no á mesma hora.

São os que vêm da Baixa e vão para as suas casas, na Alta. São os que vão no carro da Estrela São os que moram na Alta e vão para a Baixa.

Lisboa é linda, em pormenores. Ha cantos de Lisboa, que são, na fisionomia da cidade, como sinaes, como sorrisos, como *tics*.

O Largo das Duas Igrejas não é um sorriso nem é um *signal*. E' um *tic*.

Não é uma praça nem um arua. Não mora lá quasi ninguem, quasi cheio pelas duas igrejas e pelas ruas que o atravessam

O que contém elle? Pouco.

Quasi nada. A mancha verde das arvores, o amarelo estridulo dos carros electricos, a arquitectura suave da Encarnação e do Loreto e, ao meio, como praça daquela praça, a *ilha dos*

Começa, de manhã o movimento [dessa] *çare* de Lisboa. Atravessam o Largo das Duas Igrejas grupos de costureiras, frescas de agua, os caracos molhados, com muita pressa nas pernas e muitos vagares no olhar. São as senhoras de preto que vão á missa. São os empregados, de olhos ainda inchados pelo sono, mal dispostos pela cedura, mal-humorados com a vida...

São, mais tarde, os felizes que podem atravessar o Largo das Duas Igrejas de vagar, fumando o cigarro matutino, lendo, a passo distraído, os jornais da manhã.

De manhã, o Largo das Duas Igrejas é atravessado só de cima para baixo.

Ao meio-dia ha uma hesitação, ha um fluxo e refluxo, o movimento intersecciona-se, ha os que sobem, ha os que descem.

A tarde a maré estaciona e no Largo das Duas Igrejas começa a parar gente. O Largo das Duas Igrejas é, então, um lago.

Mas no Largo das Duas Igrejas, propriamente, ninguem estaciona. O que para lá vae é o excedente do Chiado, é o Chiado que já não cabe no Chiado. E é a população da *Garrett*, aquelas vagas mulheres de uma belesa identica, mulheres que vêm ver os homens, homens que vêm ver mulheres. Então o Largo das Duas Igrejas é o atrio da *Garrett*.

O Largo das Duas Igrejas é um reino encravado entre reinos mais populosos. E' um entreposto, e quasi só uma fronteira. Não tem naturaes. Os seus unicos naturaes—são os *galegos*.



A celebre ilha do Largo das Duas Igrejas

Perto da noitinha o Largo das Duas Igrejas volta a movimentar-se e a corrente agora sobe. São os que vão para casa, são os que desceram de manhã.

E' a hora linda do largo, a hora a que ele se entrega, a que ele se despe, a hora a que toma um ambiente carinhoso, emoliente de alcova.

E' a hora a que se acendem as primeiras luzes e se apregoam os primeiros jornais. A hora a que a sombra desce, como agua suja dum firmamento agora lavado, onde tambem se acendem as primeiras luzes.

Os rostos mal se vêem. As mulheres são todas lindas. Os homens são todos amigos, todos camaradas, na camaradagem de um dia que finda. Ha uma felicidade ambiente, ha um sorriso azul.

Mas isso é em toda a cidade—dirão.

E'. Mas só é bem visivel, bem sentido, bem vivido, no Largo das Duas Igrejas, porque é pequeno, porque é intimo, porque é uma vila pequenina com uma civilização de cidade.

O Largo das Duas Igrejas tem duas côres. De dia é amarelo, amarelo do sol e dos carros electricos. Ao crepusculo é azul, o azul do céu e o azul dos espiritos...

Meu Deus! Esquecia-me afinal de uma entidade importante, capital, maxima—o pardal, mais habitante do Largo das Duas Igrejas do que todos os habitantes e menos *pardal* do que qualquer deles...



A mulher dos jornais

O DIA DE FINADOS



Dôr que não posa



Frente a frente com a saudade



Uma homenagem humilde

O CULTO DOS MORTOS



No cemiterio dos Prazeres—As flôres para a avó...



A piedosa romagem

(Clichés Salgado)

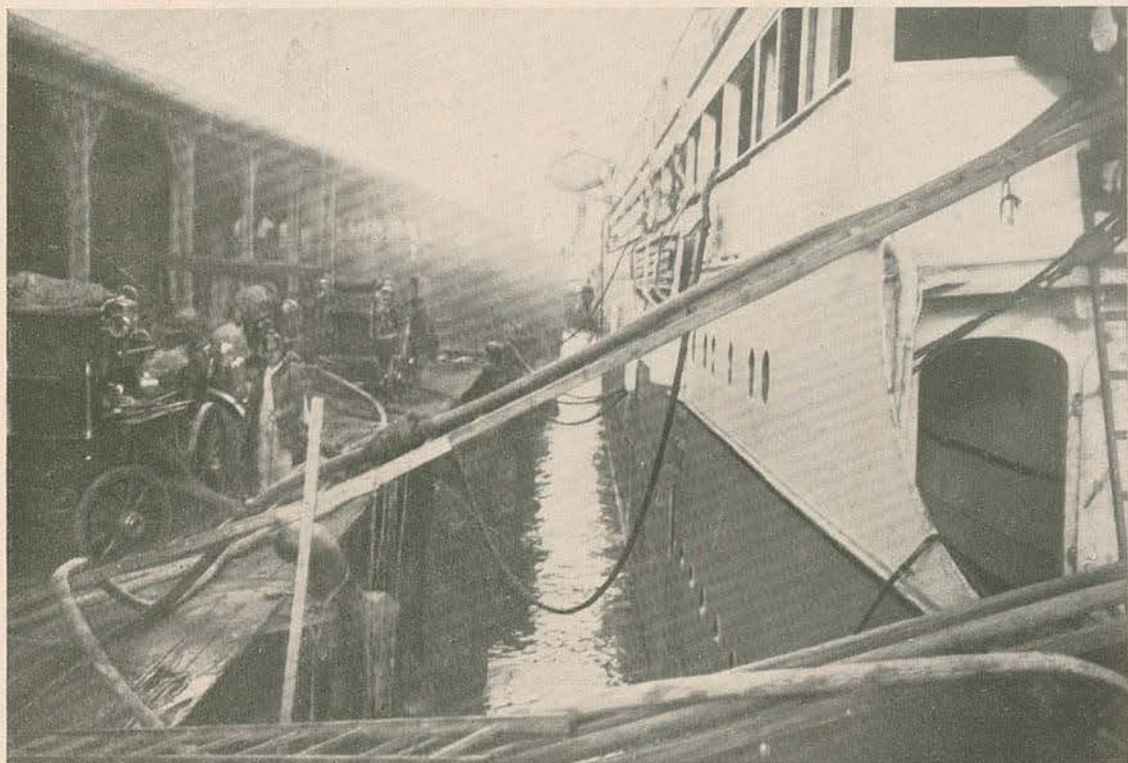
O INCENDIO DO GINASIO



Os bombeiros atacando o incendio

(Cliché Salgado)

ATUALIDADES



O incendio do paquete «Africa»—O material de incendios no cais, junto ao navio.



A escada do consulado da America, após o atentado de 31 de Outubro.



*No patamar do cima da escada.
O tecto esburacado.*

(Clichés Salgado)



No cemitério dos Prazeres. Uma piedosa romaria ao túmulo do ilustre professor Tomaz Bordalo Pinheiro



O ultimo conselho de ministros do gabinete do sr. coronel Manuel Maria Coelho

(Clichés Salgado)